

Diversão & Arte

Não! Não olhe! aposta em elementos sobrenaturais e na exploração econômica de bizarros modelos de entretenimento



Com efeito de montanha-russa no roteiro, o mais recente filme de Jordan Peele arrisca e traz apelo: Não! Não olhe! assusta, diverte e surpreende; nem sempre para o bem

A hora da reviravolta

» RICARDO DAEHN

Tão logo chamou a atenção do mundo, com o longa vencedor do Oscar, *Corra!*, o autor do roteiro daquele filme, Jordan Peele, obteve a comparação imediata com Quentin Tarantino. Ainda que reafirme a fonte de inspiração no mestre Alfred Hitchcock, Peele até faz por onde sustentar o comparativo com a nova ficção científica *Não! Não olhe!* que chega aos cinemas hoje. A premissa do filme que reencaminha bases do faroeste — traz a forte participação de atores negros e reconfigura papéis a eles reservados, num andar ao estilo de *Os oito odiados* (assinado por Tarantino). Mas há raízes diferenciadas na trama que mostra os irmãos OJ Haywood (Daniel Kaluuya) e Emerald (Keke Palmer) na tentativa de perpetuar a fama da família deles — os Haywood, que estão fortemente ligados ao desenvolvimento de um rancho no Vale de Santa Clarita (Califórnia).

Além de treinar cavalos, há estrita ligação de OJ e Emerald no ramo da rica indústria de Hollywood. Vizinho ao rancho em que vivem, um decadente parque temático é administrado por Ricky Jupe (Steven Yeun), oportunista ex-ator de tevê traumatizado por um episódio que — narrado com a a grandeza de um mestre da tela como Stanley Kubrick — engrandece o cinema de Peele. Se o parque temático remete à decadência de *A última sessão de cinema* (1973), Jordan Peele traz no embrião criativo o cinema de reconquista, alardeado pelo astro

Sidney Poitier, fundamental ao chamado cinema negro.

Mesmo diretor de *Nós* (2019), Peele se arvora em remeter o novo filme a *Sinais* (de M. Night Shyamalan) e a duas produções de Steven Spielberg: *Contatos imediatos do terceiro grau* (do qual aproveita a imersão sonora) e *ET* (na icônica cena do toque de dedos). Sem insistir na tecla de conteúdos e choques sociais, Peele deixa que as forças da natureza ajam no novo filme. Junto com uma teoria da conspiração, o aparecimento de objeto voador não identificado traz uma guinada no roteiro do filme. Entram em cena dois personagens capacitados a, com uso de tecnologia, registram episódios inexplicáveis: o entusiasmado Angel (Brandon Perea) e um cineasta chamado Antlers (Michael Wincott). Depois de uma frustrada tentativa de integrar uma equipe de cinema, os irmãos protagonistas investirão no desvendar de UAPs (Fenômenos aéreos não identificados).

Um elemento é evidente em *Não! Não olhe!* e diz respeito à coleta e eternização de imagens. Para além do visual que, à luz do dia, crava a existência de uma mansão que lembra a de *Terror em Amityville* (1982), o filme examina a importância do tataravô do cinema — o zoopraxiscópio, criação no século 19 do fotógrafo britânico Eadweard Muybridge. O porquê da falta de notoriedade de um negro que, indiretamente, participou daquele invento, é parte da discussão de *Não! Não olhe!*. Dentro do foco central do longa, em que cavalos e um macaco

têm forte importância, os personagens, acostumados a domar e amestrar animais, topam com o indomável. O inesperado desponta com o nítido surgimento de um disco voador, bem naquele esquema batido de aventura sci-fi.

A instabilidade para a isolada região californiana terá direito à abrupta queda de energia e à cômica intromissão de sensacionalismo relacionado aos fatos que cercam o filme capaz de adotar ramificação de tema assemelhada à do experimentalismo do ousado diretor Gus van Sant (dos áridos *Gerry* e *Garotos de programa*). A perda do controle desperta uma teoria que lembra a percepção de que animais afastados do habitat natural tendem a retornar ao ponto de origem. Numa escolha arriscada, a equipe da designer de produção Ruth de Jong aposta num visual questionável para o Ovini, num misto de plasma e panqueca voadora, e que acopla em si aparatos de uma câmera fotográfica.

Discutindo demarcação de território e captando imagens aterradoras de uma zona de completo caos para os humanos, o longa de Jordan Peele convence. Mas o roteiro (do diretor) fica atrapalhado, ao desprestigiar a elaborada e envolvente trama que cerca o passado de Ricky Jupe (Steven Yeun), testemunha de uma estremada atrocidade que o traumatiza. Se perde, de certo modo, o cineasta que discutiu sadismo e construção de identidade, em *Nós*, e apelou para um thriller de tirar o norte, em *Corra!*.

Estreia entre farpas

Desequilibrada distribuição de renda, questões de armamento, aborto, traumas e vinganças políticas ocupam a tela de cinema, em *O debate*, a estreia na direção do também ator Caio Blat. “O grande assunto do filme é a ética, mais do que o debate — e que muita gente espera ver na telona um debate entre candidatos, um debate político; mas, na verdade, o filme é um debate ético, o tempo inteiro. O que a sociedade é capaz de aceitar e de ouvir, como absorver o divergente — esse é o grande tema do filme”, explica Blat.

O longa mostra a dinâmica de uma emissora de tevê, em que, o editor Marcos (Paulo Betti) e a apresentadora Paula (Debora Bloch), em processo de amistosa separação, convivem com dilemas profissionais atrelados aos momentos finais de uma eleição presidencial. “Meu personagem tem qualidades e ele é um cara capaz de se

modificar: ele se transforma, no transcorrer do filme. Ele é sério, honesto, ético e remexe em conceitos”, explica Betti. “Recalibrei muito minhas ideias — é um filme que faz pensar, e que realmente bota o dedo na ferida, em diversas questões”, completa o ator.

Na feitura do longa, seria possível ainda dar crédito à democracia, numa estrutura em que o filme discute a construção de afinidade entre parte do público e reais vilões políticos? “É uma pergunta que a gente tenta levantar... Tratamos de quando é que vamos retomar o diálogo. O filme, infelizmente, mais do que falar de questões de política trata, num paralelo com a realidade, das muitas casas, num certo sentido temos visto defendidas. Vemos as urnas tendo que ser defendidas, assim como a ciência e o jornalismo, e a liberdade de expressão!”, comenta Caio Blat, elencando retrocessos. (RD)

Paris Filmes/Divulgação



O debate: Debora Bloch e Paulo Betti

A difícil viagem

Um fundo de orçamento para diretores negros, gerado a partir de políticas públicas em 2016, possibilitou à produtora mineira Filmes de Plástico a realização *Marte Um*, longa nacional que representou o Brasil no Festival de Sundance. Na realização do segundo longa-metragem — o primeiro, *No coração do mundo*, foi realizado com Maurício Martins —, Gabriel Martins explicou a pretensão de elogiar “esteticamente” artistas e temáticas negras no cinema. Estímulo ou inspiração para futuros realizadores,

Marte Um revela um enredo experimentado em meio à classe média baixa. Trata de encantamentos com futebol e do cotidiano numa periferia de cidade grande. Deivid (Cícero Lucas) é o protagonista que vislumbra ser astrofísico, em 2030 — há o obstáculo, entretanto, de crescer num Brasil de 2018. Filho de um porteiro (Carlos Francisco), Deivid tem ainda a companhia da mãe (Rejane Faria) e da irmã (Camila Damiana) que pretende afirmar o dia a dia em que pesa sua latente homossexualidade.

OUTROS LANÇAMENTOS

After — Depois da promessa

O imperfeito casal Tessa e Hardin, nesta quarta parte de uma lucrativa franquia de cinema, tem o destino do relacionamento definido. Direção de Castille Landon.

O lendário cão guerreiro

Um gato gigante toma de assalto a vila de Kakamucho, nesta animação de Rob Minkoff que presta a Banzé no Oeste (1974). Enredo de formação de um desastrado combatente ansioso por auxiliar gatos indefesos conta com os personagens Hank (dublagem de Paulo Vieira) e Xogum (Ary Fontoura).

Assalto na Paulista

Flavio Federcio mostra a rota paraguaia experimentada por pai e filha contraventores versados em arrombar cofres particulares. Bianca Bin e Eriberto Leão estão no elenco.

Cano serrado

O filme de Erik de Castro traz Paulo Miklos e Rubens Caribé num enredo gerado a partir da morte de um caminhoneiro. O irmão dele, sargento, arma uma vingança protagonizada em terra sem lei.

Onoda — 10 mil noites na selva

Filme de Arthur Harari é ambientado no Japão dos anos de 1940, em que tropas japonesas devem chegar às Filipinas. Numa defesa de terreno para o desembarque dos compatriotas, um agente especial contesta aprendizados. Baseado em fatos reais.

28/07 A 28/08

Tradicional
almoço 49,90
jantar 64,90

Plus
almoço 68,90
jantar 78,90

Premium
almoço 79,00
jantar 109,00

Diamond
almoço 99,00
jantar 139,00

ENTRADA
+ PRATO
+ SOBREMESA

CONFIRA OS RESTAURANTES PARTICIPANTES
WWW.RESTAURANTWEEK.COM.BR



APOIO INSTITUCIONAL

MEDIA PARTNER

AÇÃO SOCIAL

REALIZAÇÃO

BRASILIA
RESTAURANT
WEEK